

## PREÂMBULO

### PUBLICIDADE E MERCANTILIZAÇÃO DA INFÂNCIA

A Constituição brasileira reza em seu art. 227 que “é dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e agressão”

Ingenuidade pensarmos no cumprimento, a curto e médio prazo, de tão altos e indispensáveis propósitos. Longe ainda estamos da real e universal aplicação dos direitos da criança e do jovem em nosso País, muito embora os avanços já observados, em especial após a implantação da Lei nº 8069 (Estatutos dos direitos da criança e do adolescente).

Vejam aqui um ponto de total e afrontosa abusividade contra a criança: a publicidade direcionada ao público infantil e exposta à larga. As empresas utilizam-se de técnicas e subterfúgios de sedução consumista a alguém vulnerável, indefeso. A propaganda mercantilizando a nossa infância, violando-a, encharcando-a de valores aéticos, materialistas, insalubres, perniciosos à formação, destruidores da ainda tenra estrutura intelectual, moral e vivencial.

A consciência infantil não tem condições de discernimento e percepção dos conteúdos corrosivos exarados pela propaganda. O senso crítico criativo da criança surge após os 12 anos, fruto de condicionamentos promovidos pela educação, comunicação e pela ambientação físico-cultural. O apelo do consumo não pode ser dirigido à criança, violentando-lhe o inconsciente e a sua natureza em formação. Somente pais e responsáveis têm condições de consciência crítica, de processos de mediação e decisão.

A qualquer momento, em qualquer lugar (ruas, TV, veículos, web, ipod, etc.), eis o mecanismo degradador, poluidor, controlador, discriminatório, cruel, devastador da publicidade, a qual trabalha com valores simbólicos, culturais, de dominação mental. A identidade, o valor social é medido pelo status, pelo que a criança tem: roupas, celulares, videogames, tênis, até xampu. Quem tem, quem usa, tem tudo. Quem não tem, nada vale. Um zero à esquerda na sádica, insaciável indução publicitária. Uma doutrinação social e econômica, eticamente neutra, que prega “eficácia”, “competência”, “resultados”, sem a mínima preocupação ou relevância para com a nobreza dos fins.

Marqueteiros, psicólogos, designers, até neurocientistas converteram a criança em objeto de suas mensagens. O marketing, o conhecimento, a comunicação, o talento de profissionais buscam vender de tudo, a qualquer preço. Empregam-se os mais fortes apelos emocionais, através de mensagens, histórias em quadrinhos, desenhos no intuito de “dominar”, “fidelizar” a mente infantil e, dessa forma, empanturrando-a, viciando-a em alimentos, junk food, roupas, futilidades quantas... Um exercício de verdadeira pedofilia, em que a criança tem seus hábitos condicionados, suas mentes e emoções dominadas, um assédio às escâncaras, corruptor, abusivo, exacerbador de desejos e volúpias consumistas.

A sociedade, o Estado necessitam coibir a propaganda ostensiva, o lobby e o poder econômico das empresas. Encontramos já, no Brasil, o “Movimento por uma infância livre do consumismo”, a ser reforçado inadiavelmente pela ação conjunta das escolas, da família, dos movimentos sociais, das ONG’s, igrejas, do próprio empresariado e obviamente do Estado. Precisamos, isso sim, de dignidade, de que ações econômicas ou correlatas não tenham apenas preocupações de eficiência, “vender” no caso, mas também de valores, de justiça, de respeito ao cidadão e ao ser. Platão afirmou que “as capacidades são para opostos” e observamos, lamentavelmente, que a publicidade aética instila venenos, destrói experiências (inter)geracionais, referenciais, psicológicas e formativas de nossas crianças.

A criança tem de ser valorizada através de brincadeiras, lazer sadio, ocupação de espaços públicos, doação (o saber doar), ter contatos com a natureza, dispor de alimentos saudáveis – enfim uma existência harmoniosa, respeitosa. Estudos científicos comprovam que a publicidade materialista, consumista com foco na criança traz danos imensuráveis à infância e à sociedade em termos de distúrbios alimentares, erotização e sexualidade precoce, consumo precoce de álcool e cigarro, estresse familiar e educacional, bullying, violência exacerbada por acesso a bens ou produtos caros, a estimulação do egoísmo, etc.

## AO PÉ DA FOGUEIRA

### “O ESPETOR”

Trabalhava, após se mudar para São Paulo, na área de serviços gerais de uma grande montadora de veículos no ABC paulista. Atividades de faxina, serviços braçais mais pesados nos pátios, jardins e mesmo nos galpões das linhas de montagem. De pouca escolaridade, pois abandonara, em idos de 1960, os estudos no ginásio local para buscar oportunidades de trabalho na Capital paulista, tal qual fizeram, à época, milhares de jovens de nossa região. Tempos em que São Tiago, para não dizer todo o Estado de Minas, não oferecia as mínimas condições de trabalho e emprego para seus filhos. Uma vergonha inapagável para nossos políticos, líderes e empresários!

Jovem, porte atlético, galanteador, jactancioso, ousado, abelhudo, passa a frequentar ambientes sociais mais refinados. De temperamento por vezes pândego, gozador. Arruma uma namorada: jovem, bela, culta, de formação universitária, desinibida, viajada, cuja família rica mantém grandes empreendimentos econômicos na região do ABC. A ela, o nosso conterrâneo dá uma de rastaquera, de metedigo. Apresenta-se como importante funcionário da montadora. - “Inspetor chefe do departamento de serviços gerais” esclarece, entre pomposo e jocoso, à moça.

la o romance à toda. Enlevos, trocas de ternuras, finuras mil - encantava-se a jovem, cada vez mais, com o enamorado falante, garboso, convincente, cavalheiro, um adônis. Para tanto, buscava o moço vestir-se bem, sempre bem apessoado, esmerada – para não dizer forçada - atenção à etiqueta e boas normas sociais. Uma relação que se aprofundava e ao que se sabe, em histórias dessa natureza, por mais belo o enredo, imprevisível o desfecho...

Certo dia, a jovem – por coincidência ou intencionalmente – comparece à montadora multinacional. Estaciona o conversível lançamento do ano, por ela dirigido, atraindo a atenção dos circunstantes. Exuberante, jovial, empolgada, dirige-se à portaria, pedindo para falar com o sr. X, seu namorado, o “inspetor geral de serviços” e que, naquele momento – ah, triste fado! - estava ali nas proximidades, uniforme todo sujo de terra, cuidando do jardim, “espetando” folhas secas caídas ao chão e por ele recolhidas com um podão num sambarú. Embora estranhando o fato, o atendente grita o sr. X, em alta voz e mostra-o à jovem – “é aquele espetor ali...”

Nosso conterrâneo ergue o rosto e depara-se praticamente de frente, com a jovem. Cruzam-se olhares. Um choque inevitável, imperscrutável. Nenhuma palavra da jovem que, dá um giro, retorna ao veículo, desaparece, de uma vez por todas, dentre o caótico trânsito...



# ADIVINHAS

Resposta da adivinha da edição anterior sobre O problema de Euclides:  
O burro estava carregando cinco sacos e a mula sete.  
Suponha que o burro carregue  $x$  sacos e a mula carregue  $y$ .

A mula nos diz duas coisas:  $y + 1 = 2(x - 1)$   
 $x + 1 = y - 1$

A 2ª equação nos diz que:  $y = x + 2$

Já a 1ª equação nos diz que:  $x + 3 = 2x - 2$   
Portanto:  $x = 5$  e  $y = 7$

1. SE CINCO MENINAS BRIGAM COM UMA MENINA, QUE HORAS SÃO?
2. O QUE FAZ O ASSASSINO QUE SE APOSENTA?
3. QUAL O NOME DA PROFESSORA DE INGLÊS QUE SOBE PELAS PAREDES

Respostas: 1 - Cinco para uma; 2 - Mata o tempo; 3 - Lagartacheer

## Provérbios e Adágios

- São nove horas. Quem de dentro, dentro. Quem de fora, fora
- Quem nasceu para dez réis não chega a tostão
- Saco vazio não para em pé
- Barco com dois pilotos vai ao fundo
- Três coisas mudam o homem: vinho, estudo e mulher

### Para refletir:

- A Humildade é o primeiro degrau para a Sabedoria!  
(Santo Tomás de Aquino)
- O ser humano só vê com clareza no mundo exterior o que consegue irradiar com a luz de seu interior.  
(Rudolf Steiner)
- A prisão não são as grades e a liberdade não é a rua; existem homens presos na rua e homens livres na prisão. É uma questão de consciência.  
(Mahatma Gandhi)

## EXPEDIENTE

### QUEM SOMOS:

O boletim é uma iniciativa independente, voluntária, necessitando de apoio de todos os São-Tiaguenses, amigos de São Tiago e pessoas comprometidas com o processo e desenvolvimento de nossa região. Contribua conosco, pois somos a soma de todos os esforços e estamos contando com o seu.

Comissão/Redação: Adriana de Paula Sampaio Martins, Elisa Cibele Coelho, João Pinto de Oliveira, Paulo Melo.

Coordenação: Ana Clara de Paula

Revisão: Heloisa Helena V. Reis Oliveira.

Colaboração: Marcus Antônio Santiago; Instituto hist. Geográfico de São Tiago.

Apoio: Patricia Dayany Carvalho

E-mail: credivertentes@sicoobcredivertentes.com.br

COMO FALAR CONOSCO:

BANCO DE DADOS CULTURAIS/INSTITUTO SÃO TIAGO APÓSTOLO

Rua São José, nº 461/A - Centro

São Tiago/MG - CEP: 36.350-000

Celular: (32) 9 9912-2254 (horário comercial)

Falar com Patrícia Dayany Carvalho

## NOTAS

### SR. PEDRO DE MORAIS CUNHA

O falecimento do Sr. Pedro de Moraes Cunha, dia 03/02/2016, causou consternação entre todos. Natural de Mercês/MG, atuou ele durante décadas entre nós, inicialmente como gerente do BRADESCO, posteriormente da Extrativa, da CASTIL, encerrando suas atividades no SICOOB Credivertentes do qual foi o 1º gerente e seu estruturador operacional.

Aqui, ao lado de sua abnegada esposa D<sup>a</sup> Célia, formou sua família, todos cidadãos laboriosos, capacitados e que a exemplo paterno prestam os mais relevantes serviços à sociedade.

Sr. Pedro passa a história local e regional como pai, cidadão, profissional sério, respeitado, exigente, zeloso, a quem a comunidade muito deve e de igual forma muito preza. Um legado para a história!

Nossa solidariedade e apreço à família!

### PARÓQUIA DE SÃO TIAGO TEM NOVO PÁROCO

A comunidade são-tiaguense recebeu o novo pároco no dia 22/11 no trevo da cidade, de onde partiram em carreta. Já na Igreja Matriz de São Tiago Maior e Sant'Ana, o presbítero recebeu o abraço dos fiéis. Às 19h30 teve início a Celebração Eucarística, na qual o bispo diocesano, Dom Miguel Ângelo, deu posse ao novo pároco, que se apresentou à comunidade.

Pe. Sebastião Correa Neto ou Pe. Tiãozinho como gosta também de ser chamado, é natural de Carmo da Mata e, desde a sua ordenação em 12/09/2008, foi reitor dos seminários e vigário paroquial em algumas paróquias da Diocese de Oliveira. Como pároco será a primeira experiência pastoral. Sucesso e sorte a ele!

### SRA. CLARICE M. CARVALHO PORTELLA

Cumprimentamos/agradecemos a Sr.<sup>a</sup> Clarice Maria de Carvalho Portella pelo seu notável e ininterrupto trabalho - na condição de extensionista local da EMATER - realizado em prol de nossa comunidade, ao longo de 32 anos.

A Sr.<sup>a</sup> Clarice, ora transferida de nosso meio, desenvolveu amplo ministério técnico-social junto a famílias, escolas, associações e comunidades rurais, produtores, artesãos, buscando a promoção humana e coletiva.

Centenas de cursos, seminários, viagens, dias de campo, palestras, festivais, orientações, experimentações, sempre realizados de forma incansável, paciente, dedicada, sobrepondo-se às suas atividades pessoais e familiares, recebe, pois, o reconhecimento e apreço de toda a comunidade.

Realização:



Patrocínio:



Apoio Cultural:





# SEMANA SANTA DE ANTIGAMENTE

Tempos distintos, excitados, um tanto lúgubres, com quês de mistério e introspecção, eram as semanas santas de antigamente. Alvorços nas residências, por toda a cidade, que se enchiam de novidades, pessoas, sonoridades. Cidade praticamente sem calçamento; algum ou outro pé de moleque - também conhecido como cabo verde - a cobrir passeios ou ladeiras. Ruas, todavia, capinadas, convocadas até as crianças para a limpeza dos jardins e frente das casas.

Chegavam os fazendeiros a cavalo, em carros de bois, rebuliço e fatura vindas do campo, pois todos geralmente tinham casas na cidade. Os eventos religiosos eram expressivos, massivos. A Semana Santa se iniciava com vias sacras, pregações, o Domingo de Ramos; na 2ª feira era procissão do Senhor dos Passos, levado até a igreja do Rosário; na 3ª feira a procissão das Dores; na 4ª feira a procissão do Encontro; na 5ª feira, o Lava pés, a última ceia; na 6ª feira, o Sermão das Sete Palavras, descendimento da Cruz, procissão do Senhor Morto. Aglomerações de fiéis acorrendo às igrejas para confissões. Renúncias através de jejuns, uma tradição ou prática milenar. Horas e horas de silêncio, mortificação, dedicadas pela maioria das famílias, ao longo da quaresma, culminando na adoração ao Senhor Morto, após Seu sacrifício no madeiro e finalmente Sua Gloriosa Ressurreição e Ascensão aos Céus. As pessoas seguiam toda uma liturgia da Palavra, introduziam os fiéis no mistério do sofrimento, da morte e holocausto do Filho do Homem em prol da redenção de toda a humanidade.

As imagens, em especial a de Nossa Senhora das Dores, eram cuidadas, vestidas - geralmente com mantos de seda, flores e franjas douradas - por senhoras da cidade num ritual refinado. Cabelos da santa eram anelados com ferro quente, usando-se panos de esmeril. O sepulcro, toda a igreja enfeitados com flores perfumadas, aspergidas com ramos de rosmaninho e manjeriço. O corpo do Senhor envolto em lençóis de linho bordado. A abertura do sepulcro, com o descerramento do tecido, intrigava, emocionava a todos, ao se ver o Senhor com as dolorosas marcas dos pregos nas mãos, pés e tórax.

Procissões, cujas filas eram formadas por congregados marianos, outras irmandades, com suas opas e coloridos estandartes; alas de anjos, virgens, precedendo Verônica, os andores, ao meio e



ao longo das ruas, iluminadas essas por tochas, velas conduzidas por uma multidão de contritos devotos. A distribuição de cartuchos de amêndoas, confeccionados zelosamente nas casas, feita pelos festeiros em balaies e cestas de vime ao longo das procissões - um deslumbramento para a meninada, obsequiada, por vezes, também com apetitosos pirulitos.

Chamava a atenção geral os anjos vestidos de forma ajaezada, túnicas bordadas, pagueadas com seus canudinhos e lanjeoulas, as grinaldas floridas. A garbosa banda de música tocando números e peças sacras. Coro formado por vários cantores, sobressaindo o tenor, contralto, barítono... Matracas tocando o tempo todo. Comilanças em todas as casas, abertas para receber visitas, geralmente dos parentes ou conterrâneos que residiam distantes, deslocavam-se, ao ensejo das festividades santas, até a terra natal. Eram refeições em que não entravam carne vermelha e óleo ou banha de origem animal. Os pratos eram preparados à base de bacalhau, queijos, ovos, frutas secas, azeite.

O canto da Verônica era especial, tétrico. A cantora, uma jovem da cidade, cabelos longos soltos ao vento da noite, belíssima voz, vestida toda de preto, desde o calçado até os rendados véus. Enquanto cantava, com toda dor, ia desenrolando a toalha, na qual se divisava o rosto ensanguentado de Jesus.

Tempos de profunda devoção, introspecção, catarse, vivências espirituais as mais caras à alma cristã. Tempos de comoção, avivamento, ressurreição...

## CASTIL - Cinquentenário de Fundação

Fundada em 06/03/1966, se ainda estivesse em atividade, a Cooperativa Agropecuária São Tiago Ltda. (CASTIL) estaria comemorando 50 anos de operação. Por problemas diversos, acabou sendo "encampada" e suas atividades sucedidas pela Cooperativa dos Produtores de Bom Sucesso Ltda. (COOPERBOM).

A CASTIL foi uma notável iniciativa dos produtores rurais do município e região adjacente, promovendo, durante quase meio século, inestimáveis serviços ao homem do campo, à comunidade e região, mantendo armazém, laticínios e fábrica de ração. Não nos cabe aqui abordar as causas de sua desativação, assunto embaraçoso e sensível à população, em especial aos seus antigos cooperados. Algo de errado, obviamente, ocorreu e que nos merecem reflexões...

Num mundo de mercado globalizado, extremamente competitivo, como o que vivemos, uma empresa tem de contar com estrutura organizacional profissionalizada, estratégias de negócios, plano empresarial, definições de objetivos, missão, visão, valores, metas, linhas de ação, além de padrão dos produtos e

serviços, eficiência de gestão e operação etc. Tudo com foco na qualidade, produtividade, a obtenção de resultados, a satisfação do público-alvo (no caso de cooperativas, seus associados e extensivamente a comunidade)

Uma empresa moderna tem de ser multidimensional, integrando inovação humana e tecnológica, educação, recursos humanos, controle de finanças, análise de mercado, atenção à clientela, fornecedores, responsabilidade social e ambiental, enfim é algo exigente, da mais alta responsabilidade estratégica, tática e gerencial. Enfim, não há espaço para amadorismos, interesses pessoais e de grupos, clientelismo, ineficiência. Outro aspecto é o da chamada governança corporativa (separação entre administração e execução), planos de cargos e salários, segmentação de funções etc. Cada funcionário no seu setor - Contabilidade, Recursos Humanos, Caixa, Compras, evitando-se interpolação funcional e, por vezes, caos administrativo.

Barco com bom comando, tripulação experiente, habilidosa, talentosa, preparada para enfrentar mares tempestuosos, para o que não pode faltar ousadia, criatividade, capacidade de gestão.

# INCONFIDÊNCIA MINEIRA EM NOSSA REGIÃO

Costuma-se dizer que, em nosso meio, respira-se, confabula-se, nutre-se da “Inconfidência” ou “Conjuração Mineira”, ainda que transcorridos mais de dois séculos de sua eclosão, ou melhor de seu brutal abortamento pelas autoridades coloniais. O privilégio de se morar em lugares e sítios, que são a história viva, palpitante do País, de se poder ruminar, reviver, repensar o que aqui se passou. Fatos e relatos ainda pululantes, trepidantes aos nossos olhos, ouvidos, pés, como o soar das antigas carroças, comboios em trânsito, o entoar de inolvidáveis cantatas e pastorais pelas naves dos templos barrocos, memórias perenes, eternizadas por todas nossas montanhas, entranhas, estâncias... Tradições que se impõem, altaneiras, na arquitetura, na música, na escultura, na oralidade, na alma mineira libertária, indelével patrimônio que necessita ser diuturnamente conhecido, valorizado, amado.

Se atentados os ouvidos, pode-se ouvir, dentre o ressonante silêncio, o toctoc das passadas pelas calçadas coloniais; o badalar dos sinos das altaneiras igrejas; ora ameno, ora impetuoso o vento a avançar por sobre a imensidão de altaneiros montes, fundos vales, ravinas, levantando ainda suspiros, espasmos de temor, louvor.

Por nossas ruas e estradas - cernes da antiga Comarca do Rio das Mortes, cuja sede era São João del-Rei - pisa-se, revive-se, caminha-se ainda sobre ideais, propostas, sonhos, que, em fins do século XVIII, fizeram com que vários de seus habitantes, protagonistas da sedição, por motivos ideológicos, políticos, pessoais - heterogêneos e até contraditórios - contestassem os laços que uniam os lados europeu e americano do Império Português. Uma fusão de vozes, de vultos, de interesses políticos, econômicos, religiosos, culturais, sonhos de liberdade “ainda que tardia”. Ideias que ainda lampejam, borbulham, irrealizadas, ressurgindo, de forma adaptada ou mesmo adulterada, em discursos, em bandeiras políticas dos nossos dias, quase sempre com viés oportunista, eleitoreiro, demagógico, meramente verborrágico.

A insatisfação com o arbítrio político-fiscal da Coroa, sua insaciável carga tributária, em especial após a exaustão das minas, sangrava economicamente a Província mineira, cujo déficit e ameaça da cobrança compulsória - a famigerada derrama - geravam temor e terror crescentes junto à população. A expulsão dos jesuítas em 1759 pelo Marquês de Pombal, por outro lado, provocara indignação e contestação, no seio da Província, dentre elas a chamada “Inconfidência de Curvelo”<sup>(1)</sup>, sendo igualmente, como inúmeras outras, reprimidas duramente pela Coroa. Agravando-se a situação social, ocorrera ao longo de todo o século XVIII, contínuo processo de urbanização, daí o surto de tumultos, conflitos, que formigavam, se agravavam, ante a ineficiência administrativa portuguesa. Minas atraía, desde os primórdios, vastos contingentes populacionais, gente ambiciosa, aventureira de toda eira e beira, de índole incivilizada e contestadora às autoridades, ansiosa por enriquecimento rápido, burlando o fisco e a lei, de todas as formas possíveis<sup>(2)</sup>.

Acrescente-se ainda a ação de facínoras, justiceiros, bandoleiros que, ante a fragilidade da justiça, pipocavam praticamente impunes por toda a Província, cabendo menção ao célebre, senão legendário Januário Garcia Leal, o Sete Orelhas, e seu bando que, por décadas, para vingar a morte de um irmão, levou o terror a várias partes do território das minas, desafiando e humilhando as autoridades coloniais de então<sup>(3)</sup>.

Além e ao lado de homens - de tão distintos interesses e temperamentos como Tomás Antonio Gonzaga, Cláudio Manuel da Costa, Cônego Luis Vieira da Silva, José Álvares Maciel, Tenente Coronel Francisco de Paula Freire de Andrada, mais circunscritos à Comarca de Vila Rica e núcleo central do movimento - vamos encontrar um considerável número de sediciosos de nosso meio, tendo como epicentro São João del-Rei e áreas jurisdicionadas à Comarca do Rio das Mortes - merecendo menção: Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes (este com atuação denodada, com mensagem itinerante, levada incessantemente a todas as partes da Província e de outras regiões, inclusive o Rio de Janeiro, onde viria a ser preso) ; Inácio José de Alvarenga Peixoto; Pe. Carlos Correia de Toledo Melo e seu



Execução de Tiradentes na forca - 1792

irmão o sargento mor Luis Vaz de Toledo Piza; Cap. Francisco Antonio de Oliveira Lopes e seu irmão o Pe. José de Oliveira Lopes; José de Resende Costa (Pai e Filho); Vitoriano Gonçalves Veloso.

Alguns outros inconfidentes: Pe. Manuel Rodrigues da Costa; Salvador do Amaral Gurgel; Domingos Barbosa Lage; João da Costa Rodrigues; João Dias da Mota; Cel. Domingos de Abreu Vieira; João Aires Gomes; Vicente Vieira da Mota; Pe. Oliveira Rolim e Pe. José da Silva (Diamantina)

Os inconfidentes tinham uma miríade de projetos, de não tão fácil execução; dentre eles a implantação de uma República nos moldes da instalada vitoriosamente pelos americanos do Norte contra a dominação inglesa (1776); a instalação da capital da República em São João del-Rei; o incremento à indústria têxtil e metalúrgica; a criação de uma universidade; a reestruturação tributária com o estabelecimento de uma nova ordem econômica, embasada, segundo alguns estudiosos, nas ideias de John Locke; a instituição de moderno sistema de correios e comunicações; o trabalho livre; a liberação de trajas (escravos e libertos eram então proibidos de usar cetim).

De qualquer forma, propostas e temas (talvez dado o pouco tempo de planejamento e as prontas iniciativas das autoridades coloniais em abafar o movimento), por vezes teóricos, quando não antagônicos, sem estratégias tático-operacionais bem definidas, sustentáveis, vitais na estruturação da República propugnada, que envolvia aspectos políticos, econômicos, logísticos e administrativos de sobrelevada importância.

Tamanha a complexidade do movimento sedicioso, ainda nos nossos dias, por mais que seja estudado e sobre ele debrucem-se os estudiosos, atribui-se ao próprio Tiradentes a previsão de que, dificilmente, a Inconfidência seria entendida no futuro. Afirmara ele: “Hei de armar uma meada tal que, em cem anos, se não há de desembaraçar”. Talvez nem em quinhentos anos...

Alguns dos conjurados tinham tão somente interesses pessoais, econômicos, de se verem livres de dívidas para com o Erário Real, daí delatores como Joaquim Silvêrio dos Reis, Inácio Pamplona; outros de propósitos realmente liberais, libertários, patrióticos, haurindo suas ideias no Iluminismo francês, em especial nos postulados de Montesquieu<sup>(4)</sup> e Raynal<sup>(5)</sup> E ainda aqueles entusiastas do apoio norte-americano à causa inconfidente<sup>(6)</sup>.



## NOTAS

1. “Inconfidência de Curvelo” foi um movimento de inconformismo ocorrido na freguesia de Curvelo no ano de 1760, ressurgindo e recrudescendo em 1776. Vozes locais, em especial religiosas, dentre elas a do vigário Pe. Carlos José de Lima, levantaram-se contra a determinação do Rei D. José I e de seu ministro Marquês de Pombal em expulsar os jesuítas de todos os domínios portugueses. Gozavam os inactos, muito embora tivessem muitos e poderosos inimigos, de excepcional prestígio em Portugal e Ultramar, prestando os mais relevantes serviços na catequese e educação e sua expulsão gerara comoção geral. As censuras apareceram em forma de cartas de repúdio, ora anônimas, ora em nome do Papa, onde D. José I era citado como um pateta, por entregar o Reino de Portugal ao “homem mais cruel do mundo”, o Marquês de Pombal. Os papas que governaram a Igreja durante o mandato de Pombal foram Clemente XIII, entre 1758 e 1769; Clemente XIV, de 1769 a 1774 e Pio VI, de 1775 a 1799. Os relatos das atrocidades cometidas por Pombal - largamente espalhados por eclesiásticos - contra os nobres da família Távora e jesuítas, acusados de atentado ao Rei D. José I, provocaram igualmente pavor e perplexidade entre os moradores da província.

Outro motivo de ódio público ao Marquês de Pombal foi a cobrança de tributos – ainda que sob o capa ou o disfarce de “donativo” ou “subsídio voluntário” – aos moradores de nossa Capitania, para bancar a reconstrução de Lisboa, arrasada por um violento terremoto em 01/11/1755. Tais “donativos compulsórios”, mesmo depois de reconstruída a cidade, foram sendo esticados, prorrogados até inícios do século XIX. (Ver box “O atentado a D. José I”).

As autoridades portuguesas, como de praxe, agiram com mão de ferro, prendendo dezenas de “inconfidentes” e encaminhando-os a Portugal em Novembro de 1777. A palavra “inconfidente”, naqueles tempos, tinha o sentido de falta de fé e fidelidade ao Rei, portanto um crime de alta traição, lesa majestade. Tão logo chegados a Portugal, foram, de imediato, reembarcados, pois enquanto estavam os “inconfidentes” de Curvelo em alto mar, morrera D. José I e Pombal tinha sido destituído. Era o fim da terrível era pombalina e a nova rainha D. Maria I mandara libertar todos os perseguidos pelo cruel Marquês.

2. Minas sempre fora uma província irrequieta, insubmissa, avessa à autoridade metropolitana e por isso, talvez a mais perseguida delas. Os índios que, originalmente, dominaram a região, embora oferecessem feroz resistência, acabaram massacrados por bandeirantes e expedicionários a serviço da Coroa; a índole dos aventureiros, rebeldes à lei e à religião, que aqui se instalaram; a implicância dos mineradores e moradores – sujeitos a toda sorte e de riscos em seus empreendimentos – tendo sempre como sócio indesejável e prepotente o Fisco Real. Aliás, sem muitas diferenças para os dias atuais... O próprio Conde de Assumar, já em 1720, reconhecia que “os motins são naturais das Minas”, terra “habitada por gente intratável, sem domicílio, em continuo movimento” “terra parece que evapora tumultos e persuade desordens; a água exala motins; o ouro toca desaforos; destilam liberdades os ares; vomitam insolências as nuvens; influem desordens os astros; todo o clima é tumba de paz, berço de rebelião; a natureza anda inquieta consigo, amotinada por dentro como o inferno”

Enfim, vários fatores parecem ter gerado o clima de latente insatisfação e contestação ao Poder, sendo frequentes as manifestações de revolta e repúdio às arbitrariedades coloniais, tornando sempre explosiva a cobrança de tributos (capitação seja por bateia, arroba, por mão de obra etc.) “No final do século 18, palavras como revolução, motim, rebelião e sedi-

ção começaram a fazer parte do vocabulário cotidiano, anunciando muita comoção e grandes doses de mudanças” (Lilia Schwarcz/Heloisa Starling in “Brasil, uma biografia”). Alguns exemplos dos inúmeros conflitos desse período:

- Guerra dos Emboabas (1707/1709);
- Motim do Morro Vermelho (1715);
- Motim de Pitangui (1719/1720) - também conhecido como “Rebelião da Cachaça” ou “Revolta da Pinga” ocorrido em Pitangui e Conceição do Onça. A decisão da Coroa Portuguesa quanto ao “estanco” (monopólio) da venda da aguardente, gerou uma rebelião entre bandeirantes e mineradores, que, sob o comando de Domingos Rodrigues do Prado, expulsaram da Vila de Pitangui o representante da Coroa, Capitão Mór João Lobo de Macedo, além de assassinarem o juiz local. O Governador da Província, Conde de Assumar, determinou o envio de tropas que venceram os amotinados (embora os amotinados contassem cerca de 400 homens, devidamente entrincheirados e fortemente armados), com um saldo de muitos mortos e feridos. Os líderes da rebelião foram condenados à morte e seus bens sequestrados;
- Motim da Barra do Rio das Velhas (1718/1719);
- Motim de Gatas Altas (1718/1720);
- Sublevação de Vila Rica, tendo como chefe Felipe dos Santos (1720);
- Motim ou Sedição do Sertão do São Francisco (1736), tendo como líderes D<sup>a</sup> Maria da Cruz e seu sobrinho Pedro Cardoso.

Inconfidência de Curvelo (1760 e 1776 – ver nota 1)

3. Sobre “Sete Orelhas”, sua incrível história e trajetória por toda a Província mineira, incluindo nossa região, ver matéria em nosso boletim nº XXX março/2010.

Relata a oralidade local-regional que Sete Orelhas, quando de sua passagem por nossa região, provavelmente na década de 1780, a caminho de Vila Rica, à caça de assassinos de seu irmão, teria se encontrado ou oferecera a Tiradentes o apoio de seu bando para enfrentar os colonizadores portugueses, na eclosão do movimento inconfidente. Fica aqui o peculiar registro...

4. Abade Raynal (1713-1796) foi um jesuíta, historiador e pensador francês, um dos clássicos do Iluminismo e cujas obras influenciaram processos de revoltas na Europa e principalmente na América Latina. Prega(va) o combate ao despotismo, o direito à indignação, à sublevação, rebelião e resistência popular contra as desigualdades.

5. Charles de Montesquieu, um dos maiores pensadores iluministas franceses e universais. Nasceu em Bordeaux em 18/01/1669 de família nobre, recebendo aprimorada educação. Autor de inúmeras e célebres obras, onde combatia o absolutismo, a ação política da Igreja. É dele o conceito da divisão do poder entre executivo, legislativo e judiciário.

6. A Declaração de Independência dos Estados Unidos em 04/07/1776, ao lado das ideias iluministas que então varriam a Europa, influenciariam vários povos latino-americanos, em finais do século XVIII, em busca da emancipação. Era uma luta para se por fim a reinados e impérios no continente americano. No Brasil, o plano sedicioso, nucleado em Minas Gerais, envolvendo intelectuais, clérigos, fazendeiros, militares e populares, passaria à história como “Inconfidência Mineira”. Sabe-se que dois brasileiros – José Joaquim Maia e Domingos Vidal Barbosa – tiveram contatos epistolares e provavelmente pessoais com Thomas Jefferson, então embaixador dos Estados Unidos na França e um dos “pais” da Independência norteamericana, posteriormente seu presidente. O objetivo era a solicitação de apoio dos americanos do norte à nossa Independência e que teria merecido a distinta simpatia de Jefferson.

# Inconfidentes e o Termo de São Tiago

Passagem e confluência de vários caminhos no passado, como Estrada Real, Picada de Goiás, Estrada Boiadeira, Caminho de Cima etc. O atual Município de São Tiago e adjacências geográficas foram cenário da presença e atuação viva de vários protagonistas e agentes da Inconfidência Mineira, a iniciar-se pela exponencial figura de Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes, nascido em 1846, na Fazenda do Pombal, próxima a nós, pertencente ao hoje Município de Ritópolis.

Os inconfidentes José de Rezende Costa, Pai e Filho, residiam na Vila da Lage (Resende Costa). O Pe. Carlos Correia Toledo Melo, vigário de São José Del Rei, hoje Tiradentes possuía propriedades em Resende Costa e São Tiago<sup>(1)</sup>. Joaquim Silvério dos Reis, um dos delatores, que teria negócios em Goiás e transitava habitualmente por São Tiago. Segundo a oralidade, Joaquim Silvério, bem como outros viajantes, tinham o hábito de pausa ou mesmo pousio em fazendas de nossa região, dentre elas a da Papunça, a do Rio do Peixe ou Ribeirão. O Cap. Francisco Antonio de Oliveira Lopes, uma das maiores fortunas da época, e que, segundo muitos, era semianalfabeto, com propriedades em Prados e Resende Costa, dentre elas a Fazenda “Ponta do Morro”. Era ele casado com D<sup>a</sup> Hipólita Jacinta Teixeira de Melo que tentou, infrutiferamente, por todas as formas, junto às autoridades coloniais da época, a libertação do marido.

1. Em seu substancioso livro “Bairro de Matozinhos: berço da cidade de São João Del Rei” (S. João Del Rei, UFSJ, 2003), o historiador José Cláudio Henriques informa: “Padre Carlos Correia de Toledo e Melo nasceu em 1731 em Taubaté, Estado de São Paulo. Era vigário da Paróquia de Santo Antônio em Tiradentes (S. José Del Rei), a qual passou para o irmão Padre Bento Toledo. Sua primeira inquirição foi em 14/11/1789; apesar de tentar fugir de sua captura, foi corajoso em afirmar que participava da Conjuração Mineira. Inicialmente delatou apenas o Coronel Silvério dos Reis, dizendo que este entraria com dinheiro para ajudar no movimento. Possuía fazenda com muitas plantações, criações e dezesseis escravos em Resende Costa, onde era vizinho do Coronel inconfidente Francisco A. Oliveira Lopes, local onde possuía também muitos teares, cultura tradicional que até hoje perdura em Resende Costa. Possuía também lavra de ouro em São Tiago. Sua pretensão era a de ser bispo” (op. cit. pág.80, nota 5)

O Pe. Carlos Toledo tinha outros irmãos sacerdotes. Uma família dinâmica, industriosa, culta. Extraímos na obra “História de Oliveira”, autoria de Luis Gonzaga da Fonseca a seguinte informação: “Em 1790, já encontramos regendo a Capela de Nossa Senhora de Oliveira o padre Bonifácio da Silva Toledo, irmão do célebre inconfidente padre Carlos Toledo. Com seu parente Nicolau Francisco Toledo, projetou o padre Silva Toledo a construção da capela de Nossa Senhora de Oliveira no alto da colina, em substituição à capelinha da Senhora Mãe dos Homens, improvisada, anos antes, à margem da picada (de Goiás), lá em baixo, por alguns componentes da velha Irmandade da Senhora Mãe dos Homens, fundada no Caraça em 1774” (op. cit. pág.334) (sobre o Pe. Carlos Toledo, ver matéria no box, na página ao lado).

## A PASSAGEM DO CEL. JOAQUIM SILVÉRIO DOS REIS POR NOSSA REGIÃO E SUA COOPTAÇÃO PARA O MOVIMENTO INCONFIDENTE

Narra a tradição – e com embasamento histórico – que o Cel. Joaquim Silvério dos Reis passava periodicamente por São Tiago, seja por razões profissionais (militares – era ele comandante de companhia de cavalaria), seja por interesses pessoais (era homem de vários negócios e atividades econômicas, incluindo contratos de entradas com as autoridades coloniais). Ainda, segundo a oralidade, ao transitar pela região, um de seus “pontos” de parada era a Fazenda Rio do Peixe, de propriedade então de Thomás Mendes, no caminho entre São Tiago e o Arraial da Lage (Resende Costa)

No dia 05/02/1789, o Cel. Joaquim Silvério dos Reis, à frente

de comitiva oficial, acompanhado pelo ajudante de ordens João Carlos Xavier da Silva Ferrão, posteriormente acrescida pelos sargentos mor Luis Vaz de Toledo Piza e Antonio de Afonseca Pestana, passa por São Tiago em direção à Vila da Lage. Tinha a comitiva a missão especial, delegada pelo Visconde de Barbacena, de passar em revista o Regimento auxiliar comandado pelo Cap. José de Rezende Costa, e sua desativação, por razões econômicas (grave crise que atingia a Capitania à época)

Em sua obra “Memórias do Antigo Arraial de Nossa Senhora da Penha de França da Lage, atual cidade de Resende Costa”, assim narra o autor José Maria da Conceição Chaves :

“...em dias de fevereiro de 1789, veio o coronel Joaquim Silvério dos Reis, conduzido por fados adversos, conhecer do movimento por ele denunciado ao Visconde de Barbacena em carta de 19 de abril do mesmo ano (...) Narra a história que (...) procedente da vizinha localidade de São Tiago, de volta da revista de seu regimento, passa Joaquim Silvério pelo Arraial da Lage, tendo ai ocasião de encontrar-se com o sargento-mor Luis Vaz de Toledo que o convida a se terem juntos na fazenda do capitão Resende Costa, onde vieram pernoitar” (pág. 23, op. cit.)

Rosalvo Pinto em sua robusta e arguta obra “Os Inconfidentes José de Rezende Costa (pai e filho) e o Arraial da Lage”, ao abordar, com base nos Autos de Devassa da Inconfidência Mineira, tópico (os três) “Fatos ou momentos da participação dos dois JRC/PF na Inconfidência Mineira”, nos informa: “o primeiro momento se refere ao fato da revista do Regimento Auxiliar da Vila de São José Del Rei, comandado pelo capitão JRC, que se desdobra em três circunstâncias distintas e importantes: a presença de Joaquim Silvério dos Reis na comitiva, os diálogos travados entre ele e membros da comitiva, em especial o Sargento Mor Luis Vaz no caminho da Vila de São Tiago para a Lage e o brinde feito a Silvério na fazenda de JRC/P” (pág. 303) “A comitiva vinha de São Tiago em direção ao Arraial da Lage” (pág.304)

Na carta denúncia do Cap. Francisco Antonio de Oliveira Lopes, um dos inconfidentes, contra Joaquim Silvério dos Reis, datada de 19/05/1789, dirigida ao Visconde de Barbacena, há referência ao assunto: “...e que, mais lhe dissera o mesmo Coronel Joaquim Silvério que, vindo do giro em que vinham de passar as tropas com o tenente coronel João Carlos, vindo de S. Tiago, em um alto parara o cavalo e dissera para os que vinham na comitiva (João Carlos, o sargento mor Pestana e outros mais) “Que mundo novo não é este! Que país não seria este! O melhor do mundo!”, que o tenente coronel João Carlos picara o cavalo e fora andando e que ao depois ele, dito tenente coronel, caíra em si do que havia dito (...)” (Autos da Devassa 1, 120/121)

Após a chegada à casa do Cap. João de Rezende Costa/Pai, Joaquim Silvério dos Reis, segundo ele delataria ao Visconde de Barbacena, em carta de Borda do Campo, datada de 11/04/1789, fora ai (onde se achava hospedado e após um brinde) formalmente convidado pelo Sargento Mór Luis Vaz Piza, irmão de outro importante inconfidente o Pe. Carlos Correia de Toledo Melo, para participar do movimento. “Em o mês de fevereiro deste presente ano, vindo da revista o meu Regimento encontrei no arraial da Lage, o sargento mor Luis Vaz de Toledo(...) no mesmo dia, viemos dormir à casa do Capitão José de Rezende (...) (Autos da Inconfidência, 1, 91/95).

## QUEM FOI JOAQUIM SILVÉRIO DOS REIS

Joaquim Silvério dos Reis era natural de Leiria, Portugal, de família abastada, onde nasceu em 1755. De espírito aventureiro, veio para o Brasil aos 20 anos, atuando inicialmente na área de comércio e ainda em contratos de entradas com o Governo,

os quais lhe gerariam grandes prejuízos e débitos insanáveis junto à Real Fazenda. Conhecido pelo povo e autoridades como homem perigoso, ardiloso, “sem coração”, de todos malquistado.

Envolvido com a Inconfidência e seu principal delator, após as várias denúncias feitas às autoridades, retornou a Portugal em 1794, onde foi aquinhado com títulos honoríficos e vantagens pecuniárias. Voltando ao Brasil em 1795, atuou por tempos em

Campos (RJ) e depois em São Luis do Maranhão, onde faleceu em 1819, passando à História como um homem interesseiro, vil, pusilânime, atribulado, covarde. Um homem que viveu às custas de expedientes fraudulentos para com o Erário e depois vilipendiando seus companheiros inconfidentes, contra os quais fez cinco denúncias formais e uma como testemunha processual em 18/05/1879, esta já no Rio de Janeiro.

## PE. CARLOS TOLEDO, UM INCONFIDENTE EMBLEMÁTICO

De todos os principais envolvidos no movimento inconfidente em nossa região, pela sua liderança intelectual e mobilidade social-religiosa, há de ser ressaltada, sobremaneira, afora Tiradentes, a figura do Pe. Carlos Toledo. Entusiasta, ativista, sublevador, não só pregava suas ideias nos recintos fechados (conciliábulos de inconfidentes), mas divulgava-as externamente, porquanto era homem, não só do púlpito, mas de negócios materiais em toda a região.

Foi na Comarca do Rio das Mortes, que detinha então a maior população da Capitania, onde se concentrou o maior número de inconfidentes. Sabe-se que os sediciosos da Comarca reuniram-se em Outubro de 1788, sob o pretexto do batizado de dois filhos do casal Alvarenga Peixoto/Bárbara Heliodora, realizado na Matriz de Santo Antonio, sendo Tomás Antonio Gonzaga um dos padrinhos. Pe. Toledo foi o oficiante, oferecendo, na oportunidade, lauto banquete aos convivas. Toledo visitava frequentemente Vila Rica, hospedando-se em casa de Gonzaga. Num dos mais importantes encontros dos inconfidentes em Vila Rica, em Dezembro de 1788, reuniram-se em casa de Francisco de Paula Freire de Andrade, comandante dos Dragões de Minas, Pe. Toledo teria oferecido 100 homens de suas propriedades e o apoio dos termos de São José del Rei, Borda do Campo e Tamanduá, além de mobilizar Taubaté, em São Paulo, para onde enviaria seu sobrinho Claro José da Mota e Toledo (uma curiosidade – Claro Toledo foi o único dos inconfidentes que conseguiu escapar de todas as tentativas de prisão, jamais sendo localizado)

Pe. Toledo, dentre os sediciosos, era tido como radical, defendia ideias rígidas contra os europeus que moravam na Capitania, caso vitorioso o movimento. Pároco colado da Freguesia de Santo Antonio da Vila de São José, para tal nomeado e empossado em 1776 (quando se achava em Lisboa), viria a assumir suas funções eclesiásticas em 1777. Era homem de posses. Mandou edificar em São José (hoje Tiradentes), de imediato à sua chegada, belo casarão – um dos mais magníficos exemplares da arquitetura colonial mineira – à rua do Sol. Utilizou na construção técnicas inovadoras, como os xistos (verdes e azuis) retirados da Serra de São José, além do conjunto de forros pintados, sendo que o da sala de jantar figurava frutas regionais e outro interno com a alegoria dos cinco sentidos. Sua casa é descrita, detalhados os seus interiores, nos Autos da Devassa, incluindo mobiliário, objetos, utensílios, livros da biblioteca, bem como muros, cavaliçã, muitos escravos, dentre eles alguns músicos como José Mina (trompista), Antonio Angola (tocava rabecão) e o cozinheiro Leandro Angola.

Pe. Toledo era igualmente proprietário de casas na sede e terras no arraial da Lage (Resende Costa) com escravaria, plantações de milho, feijão e terreno de mineração; dono da Fazenda Monte Alegre, em São Tiago, onde explorava minérios e possuía benfeitorias e escravos.

Dados biográficos – o Pe. Carlos Correia de Toledo e

Melo nasceu na Vila de São Francisco das Chagas de Taubaté, Capitania de São Paulo, em 1731. Era filho de Timóteo Correia de Toledo e Úrsula Isabel de Melo. Uma família de cristãos novos, muito dedicada à fé.

Vários irmãos de Pe. Carlos Toledo tornaram-se igualmente religiosos. A) Pe. Bento Cortes de Toledo, seu ajudante na Freguesia de São José; b) D. Antonio de Melo Freitas, de hábito franciscano, adotando o nome monástico de Antonio de Santa Úrsula Rodovalho, tornando-se mais tarde bispo em Angola; c) Pe. Bonifácio da Silva Toledo, vigário da Freguesia de Oliveira (1790-1795). Duas de suas irmãs tornaram-se Freiras e o próprio pai, após se enviivar, tornar-se-ia padre também. Seu irmão Luis Vaz de Toledo Pisa<sup>(1)</sup>, casado com Gertrudes Maria de Camargo, era sargento mór da Cavalaria Auxiliar e assistente do termo de São José del Rei. Também visceralmente envolvido com a Inconfidência, foi preso no dia 24/09/1789, condenado ao degredo para Luanda (Angola) onde faleceu aos 68 anos de idade.

Pe. Toledo era estudioso e entusiasta do pensamento iluminista e revolucionário de Abade Raynal (1713-1796), para tal apregoando suas ideias e sonhos libertários junto aos demais inconfidentes. Homem de conceitos fortes, Pe. Toledo envolveu-se ainda em acirrada polêmica com o vigário e moradores do Arraial de São Bento do Tamanduá (atual Itapeçerica), então uma próspera localidade pela sua pecuária e mineração aurífera. O fato valeu-lhe um processo no Alto Tribunal Eclesiástico Português e na Mesa da Consciência e Ordens em Lisboa (1788). Invasão de domicílio, autoritarismo. É que a Vila de São Bento do Tamanduá estava ligada eclesiasticamente ao termo de Curral del Rei e não a São José del Rei.

Malgrado o movimento inconfidente, Pe. Toledo buscou fugir e resistir, sendo preso, contudo, na Serra de São José. Teria dito “mais vale morrer com a espada na mão do que como um carrapato na lama”. Preso, condenado, deportado para Lisboa, morrendo na clausura em 1803, aos 72 anos de idade.

*1. Luis de Toledo Pisa se reuniu posteriormente à comitiva do Cel. Joaquim Silvério dos Reis, que passou por São Tiago em 05/02/1789, a caminho da Lage (Resende Costa).*

IMAGEM INTERNET/DIVULGAÇÃO



Casa de Padre Toledo, hoje transformada em museu



# CORRUPÇÃO

## Visão histórica e Psicanalítica

A sociedade surpreende-se, cada vez mais, com o índice de corrupção – e obviamente de corruptos e corruptores – o que nos envergonha a todos. A todo momento, operações policiais e judiciais são feitas, prendendo delinquentes “graúdos” – políticos, empresários, funcionários públicos e da iniciativa privada, fornecedores, prestadores de assistência técnica, consultores, marqueteiros, executivos e por aí fora. Verdadeiros exércitos formados, tantos os tipos de salteadores, saídos de caldeiras trevosas, a nos atenuar, a nos saquear.

Triste herança colonial, quem sabe, a da pulsão pelo roubo e pela espoliação, em que Portugal para aqui encaminhava toda sorte de malfeitores, a nos governar, a nos pilhar. O extraordinário sacerdote e pregador Pe. Antonio Vieira, que se defrontou e confrontou abertamente em pleno Brasil colonial com tais súcias de ladrões, deixou-nos um texto memorável, ainda hoje atualizadíssimo, sobre “A arte de furto”. Oportuna, sem dúvida, a sua leitura!

Segundo a Psicanálise, a delinquência é uma das respostas ao complexo de Édipo, em que o indivíduo, para se valorizar, tornar-se rico, poderoso, ser bajulado comete toda modalidade de atos nesse sentido. Fá-lo porque a sociedade enaltece, aprecia e cobiça esses valores. A imagem externa, superficial e padronizada, por mais efêmera ou vulgar, passa a ter-lhe um valor de integridade, de realização maior, de razão de existir. O poder fálico, narcisista,

hedonista, que é também, ao mesmo tempo, uma pulsão de morte social, pois ele não pode se manifestar ou expor a público a origem espúria desses seus bens. É algo fruto do clandestino, do sombrio, da contravenção. Quando pego, nega o fato ou o justifica dizendo ser fruto de “trabalho honesto”, de “sorte”...Quanta gente nessa situação, por vezes em nosso entorno, ao nosso lado! Se descoberto, se desnudado, a vergonha para si, a família – um delituoso sob disfarce, que geralmente age como pessoa de bem, dentro da moral e até da religião vigentes.

Há, porém e ademais, os perversos, os psicóticos, que se tornam escravos e senhores do gozo. Compulsivos, sem barreiras ou limites morais. O dinheiro, o poder, o corpo, as pessoas a consciência alheias são tratados como se fossem seus bens. Eis aí alguns tipos de contraventores, sonegadores, agiotas, pedófilos, assaltantes, meliantes de toda laia. E encontrados em todos os lugares, por mais sagrados, por mais insuspeitáveis. Muitos deles paranoicos, que, em suas alucinações e delírios, se sentem perseguidos pela verdade própria ou sabe-se lá por quem, daí crimes de corrupção arrepiantes, de atentados à vida e/ou patrimônio alheios, inclusive e essencialmente o público, julgando-se acima da lei e se presos, se dizem ou fazem-se passar por inimputáveis. Recomenda-se, a esse respeito, a leitura da obra “O futuro dura pouco”, do filósofo Louis Althusser.

IMAGEM INTERNET/DIVULGAÇÃO



# AGRONEGÓCIO

## Uma auspiciosa saída econômico-social

O setor do agronegócio (ou agroalimentar), no Brasil, se fortalece a cada safra, embora enfrentando toda sorte de dificuldades, de descasos, da indefinição e falta de políticas públicas. O empreendedor rural brasileiro faz sua parte da porteira para dentro, mas para fora...

Não há infraestrutura viária para o transporte e/ou armazenamento de safras; crédito precário; sistema de seguro rural frágil; políticas erradas de comércio exterior (o governo insiste no bloco do Mercosul, ignorando acordos maiores com mercados do Pacífico Sul, China, onde estão amplas oportunidades de exportação); sistema ineficaz de assistência e extensão rural; altíssimos custos logísticos e financeiros para o transporte da produção (carência de hidrovias, ferrovias, portos fluviais nas maiores regiões produtoras, como o Centro-Oeste, obrigando-se a longos, onerosos percursos rodoviários até os portos marítimos).

Diz-se, no jargão econômico, que o agronegócio movimenta a cadeia produtiva “para a frente” e “para trás”. Para trás, incrementa a indústria de insumos, fertilizantes, defensivos e corretivos do solo, adubos, máquinas e implementos etc. Para a frente, impacta os segmentos e indústrias de beneficiamento e processamento da produção rural – carnes, sucos, laticínios, celulose, biomassa etc. Um sistema vital que deveria merecer a especial atenção do Poder Público e sociedade, pois, em plena crise, ele cresce, gera empregos, renda, riqueza para a sociedade e o País. O produtor necessita de infraestrutura (malha viária, armazéns, para guarda e colocação de sua produção), eficientes políticas de comércio, crédito, defesa sanitária, incorporação tecnológica, seja para plantar, colher cada vez mais, gerar desenvolvimento. Isso se aplica não só ao Poder Público Federal (ou Estadual), mas igualmente ao Municipal. O que nossa região, nosso município fazemos a respeito?!



# Serão todos convocados para a Guerra

1941. A II Grande Guerra, iniciada em 1939, prosseguia tétrica, por terra, mar e ar, ensanguentando a Europa, norte da África, extensões da Ásia. Combates ferozes, batalhas encarniçadas, luto, horror sem limites, em que Aliados e nações nazifascistas se digladiavam.

Notícias aterradoras chegavam ao interior do Brasil, até as mais remotas cidades e campos, através do rádio. Falava-se até em invasão de nosso País.

Pe. Francisco Elói atendia, à época, a comunidade de Morro do Ferro. Naquele ano, como de sempre, solenes festejos em honra ao padroeiro São João Batista – a tocante procissão ao entardecer percorrendo as ruas da cidade, ao som das músicas sacras executadas pela competente lira local.

O cortejo, contando com centenas de contritos fiéis, ao passar nas proximidades do cemitério depara com um cenário desagradável, deprimente. Destoavam do dia festivo, de religiosidade e louvor ao padroeiro por daquela laboriosa, fervorosa população. Dois ou três bares abertos, jogatina, bebidas, palavrões. Frequentadores e jogadores dão a mínima para o séquito religioso.

Pe. Elói, a um sinal, ordena que a procissão se aproxime, o máximo possível, daquela baiuca. Cânticos são, por um momento, suspensos. O oficiante dirige-se, resoluto, àqueles homens. Faz-lhes, de forma equilibrada, veemente, uma admoestação, uma convocação ao bom senso, à frugalidade e moderação nas atitudes, ao cumprimento das obrigações sociais, religiosas e cívicas. Que pensassem em si mesmos, em suas famílias, no País; que a humanidade, em guerra fratricida, passava por gravíssimas provações; que os conflitos chegariam, direta e indiretamente até nós e todos eles ali, seriam envolvidos, convocados para servirem à Pátria.

Alguns, ali mesmo, se incorporaram à procissão; outros, sequer, deram ouvidos ao pároco, prosseguindo suas acirradas partidas e querelas.

Ironicamente, as exortações de Pe. Francisco Elói se aplicaram somente a ele – dentre todos ali, viria a ser o único convocado para o front de batalha na Europa, na condição de capelão militar.

*(Caso narrado pelo Sr. Antonio Carlos “Cacalo”).*

## Padre José Duque e os viajantes

Aos viajantes vindos da Lage (Resende Costa) ou de Santa Rita do Rio Abaixo (Ritópolis)<sup>(1)</sup>, tão logo chegados à sua residência ou ao se encontrar com eles na praça, Pe. José perguntava:

- Vocês passaram no Pombal? Ou ainda: - vocês pararam no Flávio? (proprietário da Fazenda do Pombal e que era caminho, à época, para ambas as cidades, arraiais, como se dizia. Após seu falecimento, a fazenda passou à administração de seus filhos José e Ciro). Todo viajor que ali passava era convidado e compelido a descer, acolhido com total e afetuosa acolhida.

Ante a resposta afirmativa, Pe. José sabia. Tinham almoçado.

A hospitalidade na Fazenda do Pombal e em várias outras de região, dentre elas a Mato Dentro, Rio do Peixe<sup>(2)</sup>, dentro da tradição mineira, era sobejamente conhecida, prezada, consagrada por praticamente todos os proprietários rurais. Ali mesa e mesmo pernoite estavam sempre disponíveis para as pessoas em trânsito.

Se negativa, estavam de barriga vazia. A um sinal, sua irmã Herondina, rapidamente, conduzia os viajantes à cozinha onde a mesa achava-se arrumada, as panelas fumegantes, atraentes, praticamente não saiam das trempes do enorme fogão a lenha, ali aceso dia todo.

### NOTAS

1. O trajeto para Santa Rita era muito movimentado, percorrido por viajantes, autoridades, moradores da região. Há relatos orais da passagem de grupamentos policiais e judiciais, ao encaço de réus, definições de conflitos ou em demanda a outras paragens (Sertão, Vila Rica etc) Margeava ele extensões do Rio do Peixe e Rio das Mortes. Foi o caminho seguido pelo cientista tcheco-austriaco Johann Emanuel Pohl, quando percorreu/atravesou nossa região em 1818, assunto que ainda abordaremos neste boletim.

Fazendeiros de nosso meio, bem como tropeiros e outros viandantes, em viagem para São João Del-Rei e a Mantiqueira utilizavam-se desse trajeto. Papai, em situações dessa ordem, ia até a Estação de Ibitutinga a cavalo, dali prosseguindo de trem.

2. “Papai e mamãe eram muito hospitaleiros, qualidade esta que passaram aos descendentes. Recebiam, com carinho, as pessoas que chegavam à fazenda (Rio do Peixe). Boiadeiros e viajantes faziam lá seu ponto de pouso. Raramente uma refeição na fazenda se fazia só com familiares; qualquer pessoa que chegasse no horário era convidado a participar da mesa. Papai ia até a cozinha e dizia: - Temos visitas (...). A grande mesa da sala de jantar podia acomodar umas quarenta pessoas. Espaço não faltava, a refeição é que, às vezes, tinha que ser aumentada” (Walpiria Oliveira Gomes Bonfadini – “Lembranças que o tempo não apagou” – R.Janeiro, Ed. Autora, 1992, pág. 25)

# COOPERATIVISMO

“A supremacia da raça humana derivou do sentimento de cooperação” (Richard Sennett in “O declínio do homem público”, Cia. das Letras, SP, 1988)

- É uma doutrina humanista, uma filosofia de vida que promove o desenvolvimento socioeconômico e o bem estar sustentável da coletividade. Um movimento de transformação social. Um modelo de desenvolvimento, ascensão e emancipação econômica, cultural e do bem estar social e ambiental, com a utilização dos recursos humanos e econômicos locais.

- Contribui para a inclusão social, a desconcentração da riqueza, a democratização e expansão do capital, pois, através da união e da mutualidade, os pequenos, seja o cidadão ou empreendedor comum, se fortalecem.

- Ajuda e robustece a organização da sociedade, em particular das menos desenvolvidas, tornando-se o braço econômico e progressista da realidade vigente local.

- Permite a formação, construção e efetivação de um mundo melhor, mediante os instrumentos da ação coletiva, do apoio mútuo.

- Contribui para a geração de empregos, de trabalho, de agregação e melhoria da renda. Portanto, uma forma de contarmos com uma sociedade mais justa, mais digna, coerente, inclusiva e economicamente autossustentável.

POR ISSO, é uma Doutrina que contagia

Envolve

Transforma a realidade

Faz a Diferença!

É compromissada com o progresso, a aptidão e o potencial econômico da região onde atua

Preocupa-se e ocupa-se das necessidades, interesses de seus membros e do meio em que vivem e atuam, cuidando do indivíduo, da comunidade e da sustentabilidade socioeconômico cultural e ambiental local-regional



## O QUE É UMA COOPERATIVA

Uma associação autônoma de pessoas que se unem, livre e solidariamente, sem objetivos de lucro, para satisfazer aspirações, demandas e necessidades econômicas, sociais, culturais e ambientais comuns, por meio de uma empresa de propriedade coletiva e democraticamente gerida.

A Cooperação é uma atitude ética, de metas solidárias, de construção da paz. A força gregária, o trabalho conjunto, o esforço coletivo, a conjugação de forças são marcas da Cooperação!

As Cooperativas, para o seu correto funcionamento, baseiam-se e se regem por VALORES BÁSICOS E UNIVERSAIS:

- Ajuda Mútua e Corresponsabilidade;
- Democracia;
- Igualdade;
- Equidade;
- Solidariedade;
- Ética.

AS COOPERATIVAS, como filosofia e doutrina, propugnam:

- A reforma e a evolução integral da sociedade, uma nova ordem econômica, por meios pacíficos, progressivos e democráticos;

- A dignificação plena do ser humano ;

- A equanimidade entre o social e o econômico;

- A reforma do ser humano, sob princípios maiores da ética, da justiça social e da dignidade. A substituição do espírito de concorrência predatória pela Solidariedade e pela Cooperação;

- A prosperidade coletiva. O acesso de todos aos bens planetários, materiais e intelectuais e aos meios de produção e distribuição (o “Self help”). O direito universalizado e acesso à riqueza social, renda, trabalho, saúde, habitação, educação, saneamento, tecnologia, espiritualidade, etc;

- A solução/satisfação das necessidades comuns, mediante a junção de forças e valores solidários.

Embora empresas e instituições de natureza social, as COOPERATIVAS, atuando num sistema capitalista e de acirrada competitividade, tem fins econômicos, necessitando, por conseguinte de:

- Solidez econômica, patrimonial;

- Gestão idônea, eficiente, competente, ética, compromissada profissionalmente, dotada das melhores práticas administrativas em prol de seu quadro social e da comunidade onde atua;

- Planejamento estratégico, inteligente, inovador, com procedimentos avançados de gestão financeira e operacional;

- Atuação abrangente, inspiradora, criativa, realizadora, conectada com as mais modernas práticas gerenciais, operacionais e mercadológicas (fomento à participação, valorização, motivação e qualificação de dirigentes, colaboradores e associados: zelo pela sustentabilidade econômica, social, cultural e ambiental da comunidade onde se acha

inserida: fortalecimento dos quadros técnico-legais);

- Inovação e modernização permanentes em processos, produtos, tecnologia, informação, comunicação, recursos humanos, equipamentos, rede física e afins. (Ser uma instância e um vetor de desenvolvimento, gerando prosperidade e soluções econômico-financeiras, sociais, culturais e ambientais para seus cooperados e coletividade. Estar preparada em termos de missão, visão, agregação de estratégias, competências, políticas de liderança, de compreensão do ambiente ante um mercado altamente competitivo e do manuseio de tecnologias cada vez mais avançadas);

- A prática da lisura, ética, hombridade, transparência nas ações;

- Rede permanente e especial de atendimento/atenção (personalização, urbanidade, profissionalismo);

- Inserção social e universal (ambiental, cultural, educacional em todos os níveis. A preocupação plena com o ser humano e a sustentabilidade do planeta. O desenvolvimento integrado e harmonioso da coletividade).

### A ARTE DE COOPERAR EXIGE:

- Espírito de desprendimento;

- Vontade de partilhar;

- Persistência e dedicação ;

- Harmonia e Urbanidade (sem abrimos mão da sinceridade, da firmeza de posições e pontos de vista);

- Vocação social e humanista.

### VANTAGENS DE SE SER UM COOPERADO, NA VERDADE UM SOLDADO DO DESENVOLVIMENTO COMUNITÁRIO, ATRAVÉS DA COOPERATIVA DE CRÉDITO:

- Contribuir e participar de um grandioso projeto de desenvolvimento econômico, social, cultural e ambiental da comunidade, gerido pelos próprios associados moradores;

- Exercer efetivamente a cidadania, ao realizar suas operações e movimentação junto à Cooperativa. Todos, indistintamente, são beneficiados com a atuação individual de cada cooperado. Os recursos da Comunidade e movimentados na Cooperativa (de Crédito) são direcionados e



aplicados na própria região, gerando projetos de empreendedorismo, renda, emprego, cultura;

- Participar de um movimento eivado dos mais elevados princípios éticos, humanistas, progressistas, democráticos e que se pauta doutrinariamente pela transparência, modernidade, inovação, reciprocidade;

- Recebimento de atenção personalizada, de consultoria negocial-econômica e de redistribuição de sobras do exercício (O associado, em havendo sobras, tem o retorno ao seu capital social, proporcional ao seu movimento, durante o exercício, na Cooperativa). O capital social é igualmente remunerado, tornando-se uma aplicação rentável, um pecúlio ou poupança;

- Participar de uma instituição onde se é, simultaneamente, dono, usuário e gestor.

Todos somos convocados para esta nobre causa. Todos podemos colocar um tijolo para a construção de um mundo cada vez melhor – para nós e nossos filhos!

Para chegar ao ponto onde estamos, nessa já aparentemente longa jornada, muitos FORAM E SÃO os soldados que lutaram pela vitória e expansão do movimento. E é uma luta que prossegue:

- A busca de novos marcos e novos espaços legais (legislação a ser

atualizada e modernizada);

- A educação cooperativista em maior escala;

- A defesa e inclusão dos interesses sociais e econômicos (atuais e demais cooperados em potencial, bem como comunidades onde não contam com a atuação efetiva do Cooperativismo);

- A incessante luta pela melhoria da dignidade e qualidade de vida para todos, cooperados ou não.

Cada Cidadão tem que FAZER A DIFERENÇA

PENSAR DIFERENTE

SER DIFERENTE e DIFERENCIADO

O caráter de um povo é o reflexo do que ele pensa, do que ele realmente faz. O externo é o reflexo e a imagem de nossas mentes, a projeção materializada de nossas ideias.

Pensamentos geram atitudes. Atitudes geram hábitos. Hábitos geram estilos de vida.

A pobreza é consequência da falta de atitudes, de posicionamentos, de uma memória viva, da vontade de crescer e de se desenvolver.

**O PRINCIPAL FATOR DE PRODUÇÃO É O SER HUMANO E NÃO O CAPITAL**

## O IMPACTO DAS FRAUDES

O noticiário da mídia nos últimos tempos envolve predominantemente a corrupção. Uma epidemia contagiosa, infamante que lavra entre políticos, empresários, ocupantes de cargos públicos, usurpando bilhões de reais da população trabalhadora e estarecida. Isso apenas nos referindo aos chamados crimes “ilegais”, pois os “legais” imorais, os “auxílios” indecorosos, desrespeitosos para com a sociedade e a Nação, também pululam por aí, na surdina, codificados e travestidos de “direitos” dos poderes constituídos...

Nós, como pobres mortais, simplórios cidadãos, espoliados contribuintes ficamos a pensar. As pessoas enganadas, lesadas acabam perdendo a fé em si mesmas, em seu próprio País. Daí a corrupção ser um crime de lesa pátria, de lesa humanidade. O roubo do dinheiro público fere de morte a dignidade cívica, esmaga a identidade pátria. Como recuperar a autoestima nacional, como desenvolvermos todos uma vontade férrea, pujante que enfrente a fraude e nos recomponha a autoconfiança?

A cultura da fraude, apropriação indébita, mesmo em menor monta, acha-se inserida no comportamento de muitos. Uma pesquisa feita recentemente pela FUMEC, a pedido da CEMIG e ANEEL, sobre a prática de furto de energia – os famosos “gatos” – teve resultados surpreendentes. Os fraudadores acham correta a sua atitude, alegando injustiça social. Políticos e autoridades não merecem respeito, afirmam convictamente. Os serviços públicos são péssimos, as pessoas maltratadas e tidas pelo Estado como de 2ª ou de 5ª classe. Se políticos furtam o Erário, se meu vizinho furta energia ou outra coisa, porque eu não posso?, eis a reflexão de milhares de fraudadores populares.

Percebe-se e louva-se a tenacidade do Ministério Público, da Polícia Federal e de segmentos do Judiciário na luta contra os piratas e corsários do dinheiro público. Entendemos, todavia, que outras medidas tornam-se necessárias: o estímulo à constituição ou parceria/contratação de empresas privadas, de forças-tarefa especializadas, tais quais as existentes em países do 1º mundo, com objetivos de recuperação de patrimônios levados por estelionatários e fraudadores, com poderes amplos para buscar e bloquear ativos, recolher provas, revistar instalações, acessar documentos e informações guardadas criminosamente por terceiros.. Para tal, faz-se necessário um arsenal de operações e equipamentos de alta tecnologia, equipes de profissionais de primeiríssimo nível, peritos contábeis, advogados, grafólogos etc. Medidas severas ainda como confisco sumário de bens amealhados criminosamente, penas duras para os ladrões públicos

Há que se atacar, combater igualmente esse tipo de crime, sob outro aspecto. Mudanças de comportamento de percepção, ações de persuasão e de assimilação de padrões cognitivos pelas pessoas em geral.

## DE AMBIENTE DE TRABALHO E NOVAS GERAÇÕES

Discutia-se, numa roda, sobre ambiente de trabalho nos dias atuais, envolvendo a adaptabilidade de empresas aos novos tempos e à modernidade inovadora processada pelas novas gerações de colaboradores.

Segundo especialistas em relações do trabalho, encontramos um leque de diferenciais, e atitudes e comportamentais, entre os funcionários das empresas. Os perfis das pessoas e gerações ora em atividade, nestes primórdios de séc. XXI, que compõem o quadro funcional das organizações, sejam privadas ou públicas, são aparentemente divergentes, no mínimo diferenciados, porém passíveis – no dizer dos entendidos – de uma “harmonização intergeracional”. Pelo menos, é o que as empresas – contendo, em seus quadros, componentes de todas as recentes gerações – vem buscando: aloca-los, integrá-los, respeitando suas características, suas convicções, treinando-lhes as diferenças, motivando-os com objetivos de se alcançar a sustentabilidade dos negócios da empresa, sua missão e visão, culminando com resultados finais produtivos.

O funcionário de hoje valoriza a harmonia e a satisfação no ambiente de trabalho, a motivação, a familiaridade, participação efetiva nas decisões, nos rumos, resultados e sucesso da empresa, apreciando as chefias inspiradoras, criativas, interativas. A falta desses ingredientes, em empresas que ainda se regem por disciplinas rígidas, rotinas estressantes, autoritarismo, centralismo, são um indicativo de fracasso ou imobilismo de gestão. Empresas tem que ter estrutura organizacional-operacional flexibilizada, que envolvam a missão, o exercício da visão, estratégias que lhe permitam navegar e enfrentar os mares da competitividade e da acirrada concorrência do mercado. Desenvolver políticas e competências de liderança, de ambiente, de gestão, de novas tecnologias, processos precisos (internos e externos) de comunicação e informação.

Pesquisadores de diversos países apontam características nas gerações de nosso tempo, classificadas, a grosso modo, em 4 faixas:

a) Veteranos – os nascidos no período das grandes guerras mundiais e assim educados para a disciplina rígida, o respeito hierárquico incondicional, a subserviência;

b) “Baby boomers” – os nascidos entre 1945 (término da 2ª Guerra Mundial) e 1960, vivendo a fase da reconstrução econômica, da luta contra ditadores e governos centralizadores, daí serem apegados a status e a conquistas materiais e patrimoniais;

c) Geração X – os nascidos entre 1961 e 1980. São geralmente céticos quanto à política, apreciam a informalidade, o equilíbrio entre as regras do trabalho e a qualidade de vida;

d) Geração Y – nascidos entre 1981 e 2000. Valorizam o trabalho, apreciam o lazer, informais, imediatistas, são sensíveis e engajados na defesa ambiental, o voluntariado e ações sociais e se necessário, através de protestos e militância de rua ou pelas redes sociais, dos quais são usuários ativos.

Acresça-se que no meio espiritualista e ainda estudiosos como a parapsicóloga americana, Drª Nancy Ann Tape, denomina a geração Y como “índigo”, pessoas geralmente com tendências à rebeldia, hiperatividade, contestação. Inteligentes, com forte inclinação para a informática, memória e percepção agudas e criativas, mal humoradas e por vezes, taxadas de “hiperativas”, “portadoras de TDAH” ou de distúrbios de personalidade e atenção. Rejeitam proibições sem fundamentos ou argumentação convincente. Dotadas de alto grau de justiça, não sabendo fingir ou se desassociar de seus reais sentimentos.

As crianças nascidas a partir do ano 2001, segundo o mesmo grupo de pensadores, dá-se o nome de “Geração Z” ou “Cristal”. São pessoas sábias, amorosas, benevolentes, dotadas de alta sensibilidade, trabalhando com sentido de grupo ou consciência de unidade. Voltadas à defesa ambiental e ao respeito ao planeta e inconformadas com a injustiça e a corrupção, rejeitando ditaduras e repressões. Altamente conectadas à tecnologia.



## O PÃO DE QUEIJO

# DAS CORES DO ARCO-ÍRIS...

Gosto de flores de manacá  
Olho o contraste das cores...  
Estas lembram aquarela  
Flores encantam e alegram...  
Os campos e a passarela  
A exemplo do ipê amarelo!

Para colorir e enfeitar a vida  
Colho uma rosa. Rosa flor.  
Rosa cor... Rosa nome...  
Da namorada... Rosa poesia...  
Do poeta apaixonado...  
Que é feliz e ama o amor!

Há flores de cores várias  
Lírios, azaleias e girassóis...  
Antúrios, açucenas e dalias!  
E flores campestres  
Como as flores de São João!  
Bambuzinho e boca-de-leão!

Também a flor do maracujá  
Cravos, cravinas e parasitas...  
O branco e o roxo do manacá!  
Velhos arbustos enfeitando  
A promissora natureza!  
Tantos de rara beleza...

Lindas as flores dos jardins  
Há sempre-vivas, margaridas  
Hortênsias... tulipas e jasmims  
Begônias e outras folhagens  
As orquídeas e bromélias...  
Todas na dança das camélias!

Outro espetáculo da natureza:  
Vejo no espaço... no céu...  
Enfileirados e vagando ao léu!  
Pássaros passeando...  
Canários... araras e o pavão  
Quase que numa canção!

Aladas aliadas aos beija-flores  
No tempo da primavera  
Borboletas multicores...  
Um mundo colorido  
De repente...  
No mundo da gente!

E o arco-íris após a chuva  
Surge iluminado e multicolor  
Trazendo paz e amor!  
Dia e noite, o Senhor nos convida  
A contemplar a natureza...  
Perfeição em totalidade!

Cores... em multiplicidade  
Uma fusão de variedade!  
Com peculiar significação:  
O amarelo: o ouro e o sol  
Também jasmims e o girassol  
O anil: que traduz sinceridade

No azul: o céu... água e mar  
Respeito e universalidade!  
No vermelho: a caridade...  
Cor do sangue e da paixão!  
E na calma equilíbrio e paz...  
Reforçando a espiritualidade!

O verde das matas e da esperança  
Na alegria e bonança...  
No ocre da terra há água  
E no viço das folhas e floradas...  
Onde a natureza canta  
Colhem-se os frutos da planta!

Estão no roxo ou violeta  
Temperança e ação  
Sentidos, fé e percepção!  
A cor laranja cordialidade  
Prosperidade e harmonia  
Lembrando o nascer do dia!

E o branco... em sua pureza  
Muita paz e neutralidade  
Perfeição e totalidade!  
E junto ao preto da noite  
Forma o cinza fumarento  
Diversidade do firmamento

Uma poema do universo...  
Cantado em cada verso  
Dos amantes da natureza!  
Arco-íris, divindade e poder...  
Cujas antíteses retratam  
A dualidade do ser!

Um dos mais tradicionais pitéus e iguarias da culinária mineira – hoje de renome internacional – o pão de queijo surgiu nas fazendas do interior de Minas, ainda no período colonial. Segundo Roberta Malta Saldanha em seu livro “Histórias, lendas e curiosidades” (Ed. Senac/RJ), a receita do pão de queijo existe desde o século 18, embora não haja um consenso exato sobre a data e o local do feliz encontro entre o nosso genuíno polvilho e o queijo.

O pão de queijo, como tantos outros inigualáveis petiscos e receitas da cozinha mineira, com seus segredos, temperos, esmeros, compõem nossos imemoriais hábitos culinários, fazem parte de um caldeirão de ricos sabores, oriundos das nossas fazendas, dos ciclos de mineração, do café, do gado, das estalagens de beira estrada. Ao toque das sinhás donas e pretas velhas, quitandas e pratos característicos, caseiros, brejeiros, eram produzidos, em rústicos fornos e fogões a lenha, à base de ingredientes e insumos comuns à região, como o milho, a mandioca, o queijo, para daí serem generosamente servidos à mesa, onde se reuniam a gente da casa, convivas, estranhos em trânsito, na comprida conversa de mineiro. Valores e sabores que nos legaram uma tradição incomum – quem sabe nostálgica, idílica, mística, porquanto ligados às nossas raízes, à nossa infância rural e interiorana, ao paladar sô-frego, aos sentimentos peculiares à alma montanhesa. “É no fundo da alma que devemos pesquisar o mistério de nossas inclinações culinárias” (Carlos Drummond de Andrade)

Era costume, então, servir aos senhores o pão com café preto ou mesmo chá. Como havia falta de trigo no Brasil ou o existente era raro, quando não de má qualidade, nossas cozinheiras e quitandeiras adaptaram: passaram a utilizar o polvilho de mandioca – uma das inúmeras heranças culinárias de nossos índios – em substituição ao trigo<sup>(1)</sup>. O pão, dessa forma, assado em fornos a lenha, preparado com os ingredientes produzidos nas próprias fazendas. Somava-se assim o uso do polvilho azedo com o queijo na produção desta quitanda caseira, que se tornaria comum nas cozinhas e mesas mineiras, apetitoso, substancioso prato, que, ao lado de tantos outros, se espalharia pelo País, tornando famosa a culinária típica de nosso Estado. Assim é que o pão de queijo abandonaria sua forma artesanal, sendo hoje produzido de forma largamente industrial e exportado para o mundo.

O pão de queijo era presença indispensável nos saraus familiares e mesmo sociais. Servido quentinho, com o seu sabor típico e símbolo da secular cozinha mineira. Embora o princípio seja o mesmo, as receitas do pão de queijo - oriundas de fórmulas de nossas antepassadas, passadas de mãe para filha - costumam variar em função dos ingredientes disponíveis: leite, água, óleo, banha, tipos de queijo etc. Aliás, o segredo do verdadeiro pão de queijo mineiro está na escolha dos ingredientes. A melhor opção é o polvilho artesanal, com gruminhos; ovos caipiras que garantem a coloração amarelinha e apuram o sabor; o queijo tem que ser firme, a fim de ser ralado e bem salgadinho e de preferência produção mineira, caseira (queijo da Canastra, da Mantiqueira etc.) E para acompanhar, o pão de queijo pede aquele cafezinho quentinho, fresquinho, feito na hora!

### NOTA

*O trigo só passou a ser cultivado em larga escala no Brasil no século XX.*

Nilza Trindade de Moraes Campos